



DOSSIÊ: AS OPOSIÇÕES POLÍTICAS NOS PALOP: FORMAÇÃO, EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS

Claude Meillassoux em Moçambique: a propósito de uma carta a Marcelino dos Santos

Claude Meillassoux in Mozambique: Regarding a letter to Marcelino dos Santos

Claude Meillassoux en Mozambique: a propósito de una carta a Marcelino dos Santos

Lorenzo Macagno¹

orcid.org/0000-0002-3464-9524
lorenzom@ufpr.br

Recebido em: 17 set. 2023.

Aprovado em: 30 jul. 2024.

Publicado em: 09 dez. 2024.

Resumo: Claude Meillassoux, fundador da antropologia econômica francesa, e Marcelino dos Santos, importante dirigente da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), conheceram-se em Paris na década de 1950, quando ambos estudavam com o africanista Georges Balandier. Em 1977, ano da primeira visita de Meillassoux a Moçambique, essa relação se renovou, dessa vez sob uma chave crítica e polêmica. Naquele ano, a Frelimo se transformara em um partido de vanguarda "marxista-leninista" e estava prestes a criar uma série de organizações em prol da instauração do "poder popular" e do socialismo. Meillassoux viria a ser um observador atento desse processo. Este artigo reconstrói as vicissitudes da sua viagem, promovida pela cooperação franco-moçambicana e pelo Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane. Imediatamente após a sua visita, Meillassoux endereçou a Marcelino dos Santos uma carta de alto teor crítico concernente aos rumos da revolução moçambicana. O artigo analisa, ademais, o conteúdo dessa carta e seus principais desdobramentos antropológicos e políticos.

Palavras-chave: Moçambique; Meillassoux; Marcelino dos Santos; antropologia econômica; marxismo.

Abstract: Claude Meillassoux, the founder of French economic anthropology, and Marcelino dos Santos, an important leader of the Mozambique Liberation Front (Frelimo), met in Paris in the 1950s, when they were studying with the Africanist Georges Balandier. In 1977, the year of Meillassoux's first visit to Mozambique, the relationship between the two was renewed, although this time under a critical and controversial aspect. In that year Frelimo became a "Marxist-Leninist" vanguard party and prepared to create a series of organizations for the establishment of "popular power" and socialism. Meillassoux became an attentive observer of this process. This article reconstructs the vicissitudes of his trip, promoted by the French-Mozambican Academic Cooperation and by the African Studies Center of the Eduardo Mondlane University. Immediately after his visit, Meillassoux sent a letter to Marcelino dos Santos. The letter conveyed a severe critique of the directions the Mozambican revolution was taking. Finally, the article analyzes the anthropological and political implications of the letter.

Keywords: Mozambique; Meillassoux; Marcelino dos Santos; Economic Anthropology; Marxism.

Resumen: Claude Meillassoux, fundador de la antropología económica francesa, y Marcelino dos Santos, importante dirigente del Frente de Liberación de Mozambique (Frelimo), se conocieron en París en la década de 1950, cuando estudiaban con el africanista Georges Balandier. En 1977, año de la primera visita de Meillassoux a Mozambique, la relación entre ambos se reanudó, pero esta vez en un contexto crítico y polémico. Ese año, Frelimo se transformó en un partido "marxista-leninista" de vanguardia y se preparaba para crear una serie de organizaciones en favor de la instauración del "poder popular" y del socialismo. Meillassoux fue un observador atento de ese proceso. El artículo reconstruye las vicisitudes de su viaje, promovido por la cooperación franco-mozambiqueña y por el Centro de Estudios Africanos de la Universidad Eduardo Mondlane. In-



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasi e Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CEsA) ISEG-UL, Lisboa.

mediatamente después de su visita, Meillassoux envió a Marcelino dos Santos una carta muy crítica sobre el rumbo que estaba tomando la revolución mozambiqueña. El artículo analiza también el contenido de esta carta y sus principales derivaciones antropológicas y políticas.

Palabras clave: Mozambique; Meillassoux; Marcelino dos Santos; antropología económica; marxismo.

Introdução

O presente artigo reconstrói o contexto socio-político da primeira viagem de Claude Meillassoux (1925-2005), fundador da antropologia econômica francesa, a Moçambique. Para tanto, utilizamos um conjunto de fontes inéditas e realizamos análise de conteúdo de uma longa carta que, após a sua visita, o antropólogo endereçou a Marcelino dos Santos (1929-2020), figura incontornável da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Na segunda parte, exploramos, sobretudo, as preocupações manifestadas por Meillassoux em relação ao futuro dos camponeses moçambicanos, alvos de um conjunto de medidas governamentais no contexto de implementação das denominadas aldeias comunais. A inquietação de Meillassoux, como veremos, nasce de iminentes questões práticas: o destino das cooperativas camponesas perante a onipresença das empresas estatais; a deterioração das relações de produção e reprodução social e econômica no seio da "comunidade doméstica"; a utilização da força de trabalho moçambicana para, indiretamente, favorecer a reprodução do capitalismo sul-africano, dentre outras. Essas consequências, em plena revolução moçambicana, foram vislumbradas por Meillassoux em virtude da sua sensibilidade como observador e, ao mesmo tempo, graças às ferramentas analíticas mobilizadas na ocasião. Muitos desses instrumentos heurísticos foram esboçados no livro que o consagrara: *Femmes,*

*greniers et capitaux*² ("Mulheres, celeiros e capitais"), resultado de um diálogo criativo e renovado com o materialismo histórico e, em menor medida, da sua pesquisa de campo na Costa do Marfim. Indagaremos sobre até que ponto, mesmo sendo já um pesquisador experiente e treinado, a incursão moçambicana o confrontou com novos desafios éticos e antropológicos.

Meillassoux e Marcelino dos Santos conheceram-se em Paris por volta de 1955. Naquele tempo, ambos frequentavam os seminários que o grande africanista Georges Balandier ministrava no Institut d'Études Politiques (Science Po/Paris) e, mais tarde, na École Pratique des Hautes Études (EPHE)/Sorbonne, onde funcionava a VI^e Section: Sciences économiques et sociales³. Balandier, que havia acabado de realizar o seu trabalho de campo no "Congo-Brazzaville", fora convidado por Jacques Chapsal, na altura diretor da SciencePo, para ministrar o curso "*Anthropologie appliquée aux pays sous-développés*", que, mais tarde, passaria a ser chamado "*Sociologie des pays en développement*".

Antes da sua estadia na França – primeiro em Grenoble, depois em Paris –, Marcelino dos Santos passou alguns anos em Lisboa, onde estabeleceu contato com conterrâneos africanos envolvidos na luta anticolonial e com membros do Partido Comunista Português (PCP)⁴. Nascido em Lumbo (Nampula), mas criado em Lourenço Marques, dos Santos partira para Lisboa em 1947. Ali começou a frequentar o Instituto Superior Técnico. Imediatamente relacionou-se com outros jovens nacionalistas das colônias portuguesas, sobretudo aqueles que frequentavam a Casa dos Estudantes do Império (CEI). Naquele espaço, onde o sentimento anticolonialista começou a se manifestar, realizavam-se reuniões político-literárias e, com o sigilo que a situação exigia,

² Publicado em francês em 1975, o livro teve, entre as décadas de 1970 e 1980, um grande impacto na antropologia da América Latina. Foi traduzido, pela primeira vez, ao espanhol, em 1977, sob o título *Mujeres, graneros y capitales* (Siglo XXI Editores) e reeditado na mesma língua em 1978, 1979, 1980, 1982, 1984, 1985, 1987, 1989 e 1991. Foi, também, traduzido ao português (1977), japonês (1977), italiano (1978), inglês (1981) e alemão (1983).

³ Em 1975, a VI^e Section da EPHE foi convertida em uma unidade autônoma com nova denominação: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS).

⁴ Tal como o próprio Marcelino dos Santos afirmou em uma entrevista publicada no jornal moçambicano *Savana* em 2020, foi em Lisboa que se vinculou ao Movimento Democrático Juvenil Português, que "era uma expressão da juventude do Partido Comunista" (ver entrevista realizada por Flora Gomes e Sol de Carvalho: MARCELINO dos Santos em entrevista. Amílcar, Guevara, Palmer e Paulo VI. *Savana*, Maputo, 28 fev. 2020, p. 15).

os nacionalistas africanos começaram a almejar as estratégias para enfrentar o regime.

No final de 1951, Marcelino dos Santos chegou à França, onde, em seguida, encontrar-se-ia com Aquino de Bragança (1924-1986)⁵. Ambos permaneceram um tempo em Grenoble. Por volta de 1954, deslocaram-se a Paris para iniciar, segundo Edmundo Rocha (2003, p. 114), "estudos em *Sciences Politiques*". Na capital francesa, conseguiram hospedagem na Cidade Universitária, mais especificamente na Casa de Marrocos. O encontro com jovens do norte da África – marroquinos, tunisianos, argelinos – seria inspirador para a formação política de ambos. Pouco tempo depois, o nacionalista angolano Mário Pinto de Andrade se somou ao pequeno "grupo de Paris", ao redor do qual gravitava, também, Guilherme do Espírito Santo, oriundo de São Tomé e Príncipe e, por um breve período, um outro nacionalista angolano: Viriato da Cruz⁶.

Na mesma época, Claude Meillassoux começou a frequentar as aulas que Georges Balandier ministrava em SciencePo. A partir de 1956, Meillassoux também passou a acompanhar os seminários de Balandier na EPHE, intitulados *Sociologie de l'Afrique noire*, e a estudar antropologia com Paul Mercier. Marcelino dos Santos era apenas quatro anos mais jovem que Meillassoux. Não sabemos se, no intervalo entre os "anos de Paris" e o ano de 1977 (quando Meillassoux visitou Moçambique pela primeira vez), ambos mantiveram um contato assíduo ou, ao contrário, esporádico. Entretanto, é provável que aquele diálogo incipiente, tecido durante o período estudantil, tenha sido alimentado por um amigo e "camarada" em comum: Aquino de Bragança, que, como adiantamos, também acompanhou os cursos da SciencePo e conviveu com dos Santos na Casa de Marrocos, em Paris. Pouco depois, dos Santos mudou-se para um pequeno

apartamento próximo à Sorbonne.

O "grupo de Paris" sofreu uma forte estocada em 1957, quando a polícia francesa – em colaboração com a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) – descobriu suas atividades políticas. Trata-se do ano em que aqueles exilados organizaram a primeira reunião de preparação da formação do Movimento Anticolonialista (MAC). Estiveram presentes nesse encontro Mário de Andrade, Amílcar Cabral, Marcelino dos Santos, Guilherme do Espírito Santo e Viriato da Cruz. Em virtude da guerra na Argélia, pairava na capital francesa uma crescente paranoia entre as autoridades policiais e parapoliciais. Na famosa entrevista que Mário Pinto de Andrade concedeu a Michel Laban, descrevem-se as circunstâncias daquele desfecho:

A seguir a esta reunião deu-se a expulsão [da França] de Marcelino dos Santos, que não esteve diretamente ligada com a reunião mas deu-se em circunstâncias rocambolescas que passam por informações que nós não tínhamos sobre o 3 Bis *Place de la Sorbonne* [onde passou a residir Marcelino dos Santos], que era a suposta sede de um comunista português...O facto é que a polícia reuniu um certo número de informações que levaram à sua entrada no 3 Bis e a prisão de Marcelino dos Santos, que levou ao meu interrogatório na DST⁷ e, portanto, a todo um dossier que a polícia pôde reunir sobre nós (Andrade, 1997, p. 144).

Tal como Mário de Andrade acrescenta no seu depoimento, "Paris tornou-se um lugar perigoso, de maneira nenhuma o lugar ideal para levar a cabo uma política clandestina para a libertação das colônias portuguesas, no momento em que a França estava envolvida na guerra da Argélia e era aliada do governo português" (Andrade, 1997). De fato, as informações das respectivas polícias de segurança do Estado (a PIDE do lado português, e a DST do lado francês) circulavam de maneira fluida.

⁵ De origem goesa, Aquino de Bragança se instalou ainda jovem em Moçambique. Por volta de 1948, deslocou-se a Lisboa para prosseguir seus estudos. Na Europa, e depois em Marrocos e na Argélia, estabeleceu contato com intelectuais portugueses antissalazaristas e nacionalistas africanos. Seu papel na formação dos movimentos independentistas das colônias portuguesas foi fulcral. Mais tarde, com a independência de Moçambique, fundou o Centro de Estudos Africanos na Universidade Eduardo Mondlane, e se tornou conselheiro de Samora Machel. Para mais detalhes sobre sua multifacetada trajetória, ver o conjunto de ensaios do "Colóquio em Homenagem a Aquino de Bragança", publicados no volume organizado por Cruz e Silva, Borges Coelho e Souto (2012).

⁶ Sobre o percurso político de Viriato da Cruz, ver Lazagna (2021).

⁷ Direction de la Surveillance du Territoire (DST) era a agência de contraespionagem vinculada ao Ministério do Interior, criada por De Gaulle em 1944.

Impedido de continuar suas atividades políticas na clandestinidade, bem como os seus estudos junto a Georges Balandier, Marcelino dos Santos se exilou por um período na Bélgica⁸. Seu outro companheiro de lutas, Aquino de Bragança, partiu para o Marrocos. Importa constatar que, quase dois anos depois daquele incidente, Marcelino ainda mantinha a esperança de finalizar o seu *mémoire* em estudos africanos. Justamente, em uma carta datada de 6 de dezembro de 1959 endereçada a Lúcio Lara (futuro dirigente angolano do MPLA, Movimento Popular de Libertação de Angola), e durante uma nova passagem por Paris (possivelmente na clandestinidade), escreveu: "Eu irei para Bruxelas, e de lá terminarei o *mémoire* para Balandier a fim de obter o diploma de Altos Estudos"⁹. Naquele momento, seu colega de estudos, Claude Meillassoux, acabava de retornar do seu primeiro trabalho de campo na Costa do Marfim, onde permaneceu junto ao povo Gouro entre julho de 1958 e janeiro de 1959¹⁰.

Tal como Marcelino dos Santos, Claude Meillassoux cresceu no seio de uma família bem-sucedida. Vinculados à indústria têxtil no norte de França, seus pais almejavam que continuasse sua carreira junto aos negócios da família. Para tanto, foi enviado aos Estados Unidos, onde estudou economia na Universidade de Michigan. Após obter o seu *master* em administração, retornou à França para trabalhar por um curto período como administrador nos serviços do Plano Marshall (Copans, 2005). Mas, nesse ínterim, já estava prestes a abraçar o marxismo e se tornar antropólogo. Então, começou a frequentar o seminário "Sociologie de l'Afrique noire", ministrado por Georges Balandier na VI^o sessão da EPHE.

Além de se dedicar aos seus compromissos

acadêmicos, Meillassoux militava em Paris junto a grupos de inspiração trotskista comprometidos com as descolonizações africanas e asiáticas. Ainda sobre as suas afinidades políticas, convém evocar a entrevista que ele mesmo concedeu à revista *Carré Rouge*. Em seu depoimento, detalha que, entre 1953 e 1954, militava junto ao Comité d'Action des Gauches Indépendantes (CAGI). Tratava-se de um pequeno grupo, "mais bem intelectual, animado sobretudo por Pierre Naville, Daniel Guérin e Claude Bourdet e apoiado por Jean-Paul Sartre" (Meillassoux, 2000, p. 58). Pouco depois, seu "quadro militante" seria a Nouvelle Gauche, criada em 1957 e que, por sua vez, transformar-se-ia na Union de la Gauche Socialiste. Já entre as décadas de 1960 e 1970, Meillassoux se tornaria um membro muito ativo do grupo de reflexão e de análise de conjuntura promovido por um coletivo de militantes e denominado *Analyses et Documents*, que teve um papel importante nos acontecimentos que desembocariam nas jornadas do maio Francês de 68.

Há claras evidências de que a relação entre Marcelino dos Santos e Claude Meillassoux ultrapassava, na altura, um simples coleguismo estudantil; havia, também, uma recíproca confiança política. A título de exemplo, convém lembrar que, em uma carta que dos Santos enviou, de Londres, a Amílcar Cabral, em 3 de junho de 1960, constatamos o compromisso e o apoio que Meillassoux teria manifestado aos anticolonialistas lusófonos: "Vocês partiram", diz Marcelino dos Santos, "...sem levar o endereço do amigo francês que está disposto a trabalhar conosco". Na sequência, repassa a Amílcar Cabral o endereço de Meillassoux e finaliza: "Que lhe seja enviado regularmente documentação.

⁸ Na Bélgica, Marcelino dos Santos se hospedou na casa do anticolonialista de origem moçambicana José Carlos Horta. Horta conheceu Marcelino dos Santos (assim como a Mário Pinto de Andrade e Aquino de Bragança) em 1957 em Moscou, durante o Sexto Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes. Sobre a trajetória de José Carlos Horta, ver a nota necrológica redigida por Angela Lazagna que com ele manteve longas entrevistas, em sua casa em Algés. Nessa nota, podemos ler: "José Carlos Horta nasceu em Inhamússua, Hoimoine, Moçambique, em 16 de dezembro de 1935. Participou no Núcleo Clandestino dos Alunos do Liceu Nacional Salazar de Lourenço Marques entre os anos de 1951 e 1953. Foi preso pela PIDE, junto a outros alunos do Liceu Nacional Salazar, em março de 1953, acusados de lerem e discutirem livros e revistas proibidos pelo regime português. Ao cabo de duas semanas foram libertados. Em dezembro de 1953, mudou-se para Liège, Bélgica, para prosseguir seus estudos universitários, onde integrou um círculo de estudantes de esquerda" (Lazagna, 2020).

⁹ Deduzimos que esse *mémoire* de "Altos Estudos" vinculava-se aos cursos que Balandier passara a ministrar na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE) por volta de 1956, onde também estudara Meillassoux. Ver a "Carta de Marcelino dos Santos a Lúcio Lara", disponível em: <https://www.tchiveka.org/documento-textual/0008000011>.

¹⁰ O resultado dessa investigação foi publicado cinco anos depois. Ver Meillassoux (1964).

Ele está por outro lado em contacto com nosso amigo de Paris"¹¹. "Nosso amigo de Paris" era a expressão que Marcelino dos Santos costumava utilizar para se referir a Mário Pinto de Andrade. Deduzimos, portanto, que também havia algum diálogo político entre Meillassoux e Andrade. É preciso lembrar que, em 1956, Mário de Andrade também frequentava os cursos da École Pratique des Hautes Études¹². Anos mais tarde (início de 1980), continuaria os seus estudos junto ao antropólogo Jean Copans, que era muito próximo do círculo de Claude Meillassoux.

Entretanto, e para além dos seus estudos com Balandier, os compromissos militantes de Marcelino dos Santos se tornaram urgentes. Em decorrência da primeira Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP) em Casablanca, entre 18 e 20 de abril de 1961, dos Santos aderiu, por um breve período, à União Democrática Nacional de Moçambique (Udenamo), formada em outubro de 1960 por Adelino Gwambe e um grupo de moçambicanos exilados na Rodésia do Sul. Dos Santos viria a ser, inclusive, o autor do programa político da Udenamo. Em 1962, com a iminência da criação da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) em Dar-es-Salam, a Udenamo se atomizava em dissidências internas e Marcelino dos Santos incorporou-se à nova frente, sob a presidência de Eduardo Mondlane. Segundo Luís de Brito (2019, p. 68), no momento da sua formação, "Marcelino dos Santos era provavelmente o único intelectual marxista da Frelimo". Dois anos antes, o seu papel na CONCP tinha sido fundamental. Apesar de a primeira conferência ter sido organizada em Casablanca, a CONCP possuía um secretariado permanente em Rabat¹³, dirigido por dos Santos;

já a sua presidência encontrava-se a cargo de Mário de Andrade.

A chegada a Moçambique

A contribuição de Meillassoux à antropologia africanista é imensa. A partir das suas pesquisas na África ocidental e subsaariana, analisou, dentre outras questões, as dinâmicas das desigualdades nas sociedades camponesas africanas¹⁴, a história do comércio escravagista¹⁵, os impasses do desenvolvimento econômico e a causa da fome nos países do terceiro mundo¹⁶, dentre outros assuntos. A partir de uma perspectiva pioneira, Meillassoux demonstrou também o papel proeminente das mulheres nos contextos rurais africanos. No seu livro mais conhecido (*Mulheres, celeiros e capitais*), formulou uma memorável crítica aos estudos de parentesco realizados por Claude Lévi-Strauss. Importa ressaltar que a obra de Meillassoux vem sendo retomada em alguns livros e dossiês em sua homenagem publicados em periódicos científicos da área. Chamamos a atenção para o importante volume organizado por Bernard Schlemmer, intitulado *Terrains et engagements de Claude Meillassoux*, publicado em 1998 pela editora Karthala, em Paris. Mais recentemente, em 2009, a revista *Journal des Anthropologues*, editada pela Associação Francesa de Antropólogos, publicou um dossiê dedicado à sua obra. Além da sua prolífica contribuição teórica e empírica, Meillassoux teve o mérito de formar equipes de investigadores europeus e africanos. O impacto dessa vertente da antropologia econômica francesa também se fez sentir em Moçambique.

Claude Meillassoux visitou Moçambique em três ocasiões: 1977, 1983 e 1985. Foi, portanto,

¹¹ Nessa carta, Marcelino dos Santos assina com o pseudônimo "Marcel", utilizado em correspondências sigilosas. O destinatário (Amílcar Cabral) aparece com o nome que costumava usar na clandestinidade: Abel Djassi. Ver a carta em: CASA COMUM. *Documentos Amílcar Cabral*. Fundação Mário Soares. Disponível em: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04605.043.018#!1>. Acesso em: 21 ago. 2024.

¹² Os diplomas e documentos concernentes aos estudos de Mário Pinto de Andrade realizados tanto na EPHE como na EHESS estão disponíveis ao público nos arquivos da Casa Comum, da Fundação Mário Soares. Ver: <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=04350.002.002#!1>.

¹³ O fato de Rabat sediar a secretaria da CONCP conduziu alguns autores que escreveram sobre o tema a cometer erros involuntários, ao associarem a sede da primeira conferência àquela cidade quando, na verdade, a conferência ocorreu em Casablanca. Já a segunda conferência da CONCP ocorreu em Dar-es-Salam, em 1965.

¹⁴ Ver a obra coletiva publicada pelo COMITÉ INFORMATION SAHEL, 1974.

¹⁵ Ver MEILLASSOUX, 1986.

¹⁶ Ver o volume coletivo, GENDREAU, F., MEILLASSOUX, C., SCHLEMMER, B. & VERLET, M. 1991.

uma testemunha privilegiada das dificuldades que o novo país enfrentava. Além dos prementes desafios econômicos, era preciso construir instituições científicas voltadas para os novos imperativos desenvolvimentistas e de combate à pobreza. As viagens de Meillassoux não envolveram pesquisas sistemáticas em Moçambique – tal como foi o caso do seu grande interlocutor, Christian Geffray¹⁷ –, mas, sobretudo, visitas institucionais e de cooperação no âmbito educativo e de formação de intelectuais locais.

Em grande medida, as visitas de Meillassoux estavam inseridas em um quadro institucional mais amplo, promovido por Michel Samuel, que, na altura, atuava como *maitre de conférences* em antropologia social na Université Paris 8/Vincennes (Marchand, 1998). Já antes da independência, Samuel manifestara sua solidariedade e simpatia em relação à Frelimo. Em 1977, fundou a Association d'Amitié Franco-Mozambicaine (Aframo), da qual, em 1983, afastou-se para se dedicar à criação do Arquivo do Patrimônio Cultural (Arpac). Em 2022, o próprio Michel Samuel declarou, publicamente, as razões dessa mudança de prioridades:

Decidi, então, deixar a Association d'Amitié Franco-Mozambicaine, que eu havia fundado (em 1977) e presidido, por causa da minha profunda discordância com a Operação Produção – uma brutal repressão e deportação de cidadãos moçambicanos rotulados como "improdutivos" – e com as negociações conduzidas na época com o regime do apartheid em vigor na África do Sul, que culminaram em 16 de março de 1984 com a assinatura do chamado Acordo de Nkomati (Samuel, 2022, p. 2).

Mais tarde, engajou-se em uma série de acordos acadêmicos entre a universidade onde atuava e várias instituições moçambicanas (inicialmente, o acordo se deu entre o Departamento de Antropologia da Université Paris 8 e a Secretaria de Estado da Cultura da República Popular de

Moçambique, entre os anos de 1984 e 1990).

Graças àquela cooperação, inúmeros cientistas sociais moçambicanos receberam sua formação em antropologia e sociologia na Université Paris 8¹⁸. Além de Michel Samuel e do próprio Meillassoux, outros investigadores franceses começaram a se envolver nessa empreitada. E, direta ou indiretamente, todos eles tiveram um papel fundamental no desenvolvimento das ciências sociais em Moçambique: Brigitte Lachartre, Christian Geffray, Jacques Marchand, Jean Copans, Michel Cahen, Pierre-Philippe Rey, dentre outros. Ao redor do grupo de Meillassoux, também gravitaram outros cientistas sociais que não eram necessariamente "moçambicanistas", mas que tiveram um papel muito ativo: é o caso de Christine Messiant, especialista em Angola; Ingolf Diener, que trabalhou sobretudo na Namíbia; Antoine Bouillon e Roger Meunier, ambos especialistas em África do Sul.

Convém recordar que, entre as décadas de 1960 e 1970, o mundo antropológico francês atravessava a disputa entre as abordagens estruturalistas e marxistas. Os "americanistas" (herdeiros de Lévi-Strauss) preferiam a primeira perspectiva; os "africanistas" (herdeiros de Balandier), a segunda. No entanto, nessa aparente oposição, uma nuance singular é marcada por uma outra grande figura do marxismo antropológico: Maurice Godelier, que, na verdade, não era um africanista, pois havia realizado trabalho de campo na Melanésia. Por volta de 1960, tornou-se assistente de Lévi-Strauss, época em que rompeu com Charles Bettelheim, economista francês especialista em políticas de planificação na URSS e vinculado à EPHE (Amselle, 2019, p. 37)¹⁹. Um conselho do próprio Lévi-Strauss fez com que Godelier fizesse trabalho de campo na Nova Guiné entre os *baruya*. Por esse e outros motivos, dentro da antropologia marxista francesa, o "grupo de Meillassoux" e o "grupo de Godelier" não conver-

¹⁷ Apesar da tese de doutorado de Geffray (intitulada *Travail et Symbol dans la société makhuwa* e defendida em 1987) ter sido dirigida por Georges Balandier na EHESS, Meillassoux foi um importante interlocutor ao longo de toda a pesquisa. A respeito desta relação ver Meillassoux, 2001.

¹⁸ Dentre eles: Rafael da Conceição, Maria José Arthur, Estevão Filimão, Domingos do Rosário Artur, Benedito Brito, Alcinda Honwana, Herminia Manuense, Carlos Roque e Luís de Brito.

¹⁹ Um depoimento do próprio Godelier sobre a sua relação com Charles Bettelheim pode ser consultado em Lasowsky (2016).

giam²⁰. Inclusive, se aproximássemos ainda mais a lente, seria possível identificar – para além da simples etiqueta “antropologia marxista francesa” ou algo semelhante – a existência de múltiplos nuances e matizes. Emmanuel Terray é bastante enfático sobre essa diversidade ao afirmar:

Contrariamente a uma opinião que é muito comum, sobretudo no estrangeiro, nunca houve uma escola francesa de antropologia marxista. Apenas para mencionar aos representantes da minha geração, Maurice Godelier, Claude Meillassoux, Pierre-Philippe Rey e eu nunca chegámos a formar um grupo, estávamos profundamente divididos, não só politicamente – Maurice Godelier pertencia na altura ao PC e os outros a diversas correntes do *gauchisme* [sic] – mas também teoricamente, e as nossas divergências não diziam respeito a pormenores, mas à interpretação de algumas noções fundamentais do marxismo (2007, p. 1).

Por fim, no final de 1977, Michel Samuel intercedeu junto às autoridades moçambicanas e da Embaixada francesa em Moçambique para que viabilizassem o convite a Meillassoux por intermédio do recém-criado Centro de Estudos Africanos (CEA) da Universidade Eduardo Mondlane. Ali, duas grandes figuras já conheciam o trabalho científico e o engajamento político do antropólogo francês: Ruth First (1925-1982), socióloga e militante do Partido Comunista Sul-Africano (assassinada em 1982 no seu escritório do CEA, por uma bomba dos serviços secretos do *apartheid*) e Aquino de Bragança. O CEA fora oficialmente criado em janeiro de 1976, em virtude dos esforços iniciais de Fernando Ganhão, primeiro reitor da Universidade Eduardo Mondlane; já Aquino de Bragança foi o seu primeiro diretor (ver Fernandes, 2013).

Meillassoux chegou ao aeroporto de Mavalane, em Maputo, em 28 de outubro de 1977. A Universidade Eduardo Mondlane, com o apoio da Embaixada Francesa, reservou-lhe hospedagem no conhecido Hotel Polana. Naquela altura, Mar-

celino dos Santos era membro do Comitê Político Permanente da Frelimo e Ministro do Desenvolvimento e Planificação Económica, e realizava uma longa visita oficial a três países: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), República Democrática Alemã e República Popular de Bulgária. Na URSS, Marcelino participou de uma grandiosa celebração, em virtude do 60º aniversário da Revolução de Outubro, retornando a Moçambique no dia 20 de novembro de 1977²¹. Portanto, não conseguiu se encontrar com Meillassoux, que permaneceu no país até o dia 14 do mesmo mês.

A Comissão Pedagógica do Curso de História da UEM havia preparado um detalhado cronograma de atividades para Meillassoux. As atividades estavam classificadas em três grandes tópicos: 1) colóquios, em que se discutiriam, entre outros assuntos, o “estado atual” dos estudos sobre antropologia marxista; 2) contatos; 3) visitas. Dentro do tópico concernente aos “contatos”, a Comissão detalhou as seguintes atividades:

- a) Entrevista com o camarada Marcelino dos Santos;
- b) Entrevista com o camarada reitor F. Ganhão;
- c) Entrevista com o responsável da planificação das aldeias comunais de Gaza;
- d) Entrevista com uma responsável do secretariado da OMM (Organização das Mulheres Moçambicanas);
- e) Entrevista com o CEA (Centro de Estudos Africanos);
- f) Entrevista com a imprensa e a rádio²².

Como adiantamos, em virtude da viagem diplomática, o “camarada” Marcelino dos Santos não conseguiu se encontrar com Meillassoux. Além dos seus compromissos como ministro, tratava-se de um momento-chave na história de Moçambique e da Frelimo. No início de fevereiro daquele ano de 1977, realizou-se o III Congresso da Frente de Libertação, e esta se tornou um partido de vanguarda marxista-leninista. Segundo os documentos oriundos do

²⁰ No caso de Godelier, além dessa proximidade inicial com Lévi-Strauss, outro dos motivos que o distanciaram de Meillassoux e seu grupo (cujas filiações políticas passavam, em geral, por heterogêneas afinidades com o trotskismo) foi a sua filiação ao Partido Comunista Francês. De qualquer forma, em uma conversa com Sophie Caratini (2012), Godelier afirmou que em 1968 rompeu com o PCF e aderiu, por um curto período, a um movimento feminista dentro da CGT, chamado “Suzanne”. Mais tarde, manifestou afinidades com o Mouvement de Libération des Femmes (MLF).

²¹ MARCELINO dos Santos regressa a Moçambique. Assinados acordos com a URSS, RDA e RPB. *Revista Tempo*, [s. l.], n. 373, p. 8, 1977.

²² CRONOGRAMA de atividades, dirigido a Michel Samuel em 7 de outubro de 1977, assinado por Luis de Brito (responsável da Comissão Pedagógica do curso de História da UEM). *Humatèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35.

III Congresso, era preciso edificar a "Revolução Democrática Popular", passo fundamental para, mais adiante, passar à etapa seguinte: a "Revolução Socialista"²³. O processo de nacionalizações havia começado. A partir desse momento, a vida social e coletiva passaria pela construção das cooperativas agrícolas e das aldeias comunais. Foram criadas, também, as Lojas do Povo e os Gabinetes de Apoio à Produção (GAPOs). Uma nova moral revolucionária estava em curso. Segundo as palavras de ordem da época, era imprescindível construir o "homem novo" socialista, emancipado do colonialismo, do "obscurantismo" e do "tribalismo". Meillassoux foi um observador atento desse processo de mudança.

Às tarefas que a nova sociedade exigia, somava-se, também, o desafio da "questão rodesiana". O país vizinho – futuro Zimbábue –, ainda sob regime de uma minoria branca comandada por Ian Smith, desafiava o Moçambique de Samora Machel. O presidente moçambicano havia declarado amplo apoio às guerrilhas que combatiam o regime de Smith. Milhares de refugiados e exilados rodesianos passaram para o outro lado da fronteira, na Província de Manica. Na Rodésia do Sul, um grupo contrarrevolucionário conhecido como MNR (da sigla em inglês Mozambican National Resistance) – o embrião da futura Resistência Nacional Moçambicana (Renamo) – surgiu por volta de 1976. Seus quadros eram formados por atores heterogêneos; mas um dos seus inspiradores mais célebres foi o ex-agente da PIDE Orlando Cristina. Segundo alguns autores, também colaboraram na formação da Renamo agentes de inteligência recrutados pela CIO (Rhodesia's Central Intelligence Organization), africanos que tinham colaborado como contrainsurgentes junto a portugueses e desertores da Frelimo (Minter, 1994, p. 33). Com a independência do Zimbábue, em 1980, o grupo contrarrevolucionário voltaria a atuar com mais veemência em virtude, dessa

vez, do apoio recebido da África do Sul em pleno *apartheid*. Em 1977, quando Meillassoux chegou a Moçambique, esses conflitos ainda eram incipientes, mas pairavam no ar como uma ameaça que, aos poucos, tornar-se-ia cada vez mais palpável. Aquela "guerra civil" ou, como outros preferem chamar, "guerra de desestabilização" estendeu-se até 1992²⁴.

Um marxista no laboratório

Durante a sua primeira visita a Moçambique, Meillassoux conheceu algumas aldeias comunais do sul do País. Era a fase inicial de implantação desse modelo de ocupação do território em prol da organização da "nova sociedade". Na 8ª sessão do Comité Central da Frelimo, em fevereiro de 1976, proclamava-se que a aldeia comunal "deve constituir o quadro social do desenvolvimento futuro do campesinato moçambicano". No ano da sua chegada, havia por volta de 80 aldeias comunais na província de Gaza e 5 na província de Maputo (Araújo, 1983, p. 372). Segundo o sociólogo moçambicano Carlos Serra (1997), foi em fevereiro de 1975 que, pela primeira vez, a Frelimo anunciou a necessidade de implementar aldeias comunais no território moçambicano. Em Mocuba (Zambézia), na primeira Reunião Nacional dos Comités Distritais,

[...] 401 delegados, representando 110 distritos da nova divisão administrativa de Moçambique, discutiram como dirigir politicamente o País e, especialmente, como enraizar o Poder Democrático Popular [...]. Um momento importante da reunião de Mocuba foi a decisão de aglomerar as populações dispersas, a fim de 'solucionar problemas de saúde, educação, abastecimento de água e luz, comunicações e outras que possam beneficiar as populações'. Está aí a origem das Aldeias Comunais (Serra, 1997, p. 98-100).

Lembremos que em fevereiro de 1977, ou seja, alguns meses antes da chegada de Meillassoux, grandes inundações afetaram milhares de fa-

²³ PROGRAMA da Frelimo. Documentos do 3º Congresso. *Revista Tempo*, ls. I, n. 333, 1977, p. 23.

²⁴ Nos últimos anos, escreveu-se e publicou-se abundantemente sobre o tema. Por motivos óbvios, não temos espaço para detalhar as inúmeras querelas acadêmicas produzidas em torno à análise da guerra entre a Renamo e a Frelimo. De todo modo, chamamos a atenção para o trabalho fundamental de Geffray (1990). Para entender alguns dos debates mais importantes provocados pelo livro de Geffray, ver o artigo de Florêncio (2002). Michel Cahen, que escreveu extensamente sobre a Renamo, também redigiu um ensaio crítico (póstumo) comentando à obra de Geffray, seu colega e amigo da revista *Lusotopie*. Ver Cahen (2009).

mílias que viviam próximas às margens dos rios Limpopo e Incomáti. Diante da catástrofe humanitária, o governo acelerou o deslocamento desses contingentes de pessoas para áreas protegidas e aproveitou a oportunidade para imediatamente criar as primeiras aldeias comunais naquelas regiões (Yañez Casal, 1996, p. 124). Em poucos meses após as inundações, haviam sido criadas na província de Gaza dezenas de aldeias comunais. Meillassoux conheceu algumas delas em companhia de José Forjaz²⁵, que se tornou, mais tarde, um dos mais renomados arquitetos moçambicanos. Àquela altura, Forjaz cumpria um importante papel como conselheiro no Ministério das Obras Públicas e Habitação. Justamente as normas e diretivas do modelo habitacional das aldeias comunais no sul do País foram concebidas

[...] pelo Ministério das Obras Públicas e Habitação e transmitidas pelos quadros políticos e administrativos destacados nas áreas em que se processavam as operações de concentração; isto permitiu que num curto espaço de tempo a localização da aldeia, o seu traçado, a delimitação das parcelas (talhões, arruamentos, etc.) se fizessem com rapidez e uniformidade (Yañez Casal, 1996, p. 124).

As atividades de Meillassoux foram retratadas na mídia impressa em ao menos três ocasiões²⁶. O jornal *Notícias* se ocupou de divulgar algumas das suas conferências e intervenções. Em 4 de novembro de 1977, ministrou uma conferência sobre "antropologia marxista" no Instituto de Investigação Científica de Moçambique. O jornal estampou a notícia sob o título "Debate sobre antropologia marxista orientado por Claude Meillassoux". Na

ocasião, o antropólogo analisou as consequências da migração dos moçambicanos para as minas sul-africanas, a partir de questões já discutidas no seu mais conhecido livro – *Mulheres, celeiros e capitais* –, que, aliás, acabara de ser traduzido ao português (em abril de 1977). O cerne da sua preocupação, conforme a transcrição feita pelo próprio jornal, é o crescente aproveitamento que o capitalismo faz das "estruturas tradicionais do campesinato, especialmente a família". Há, segundo Meillassoux, uma relação direta entre a exploração que se exerce sobre a comunidade doméstica e a reprodução da força de trabalho de um dos membros dessa família (o homem que trabalha nas minas): "A mulher submetida à vontade única do marido é posta a trabalhar muito mais para que a família se possa alimentar enquanto o homem dispense a sua força para directo benefício do capitalista"²⁷. Ou seja, submetida a esse mecanismo de dominação, a sociedade doméstica passava a ocupar um papel central na reprodução da força de trabalho capitalista²⁸. Trata-se, como o próprio Meillassoux sublinha no seu consagrado livro, do paradoxo da existência de "[...] uma associação orgânica das relações domésticas de reprodução e das relações capitalistas de produção" (1977, p. 230).

O amigo de Meillassoux, Marcelino dos Santos, era consciente da importância daquela "associação orgânica". Em uma entrevista concedida a Joe Slovo²⁹ em 1973, dos Santos se referiu ao inevitável vínculo entre as relações capitalistas de produção com a economia de subsistência em Moçambique. Em um momento da conversa,

²⁵ Sendo ainda muito jovem, aos dezessete anos, Forjaz começou a trabalhar, em 1953, como desenhador ajudante nos Serviços de Obras Públicas de Moçambique, na antiga Lourenço Marques. Antes de se formar em Portugal, onde trabalhou com importantes arquitetos, colaborou, em Moçambique, com o grande arquiteto Amâncio d'Alpoim Miranda Guedes, mais conhecido como "Pancho" Guedes. Nas vésperas da independência (e antes de ser convocado por Samora Machel para retornar ao País), Forjaz possuía um escritório de arquitetura na Suazilândia.

²⁶ Possivelmente suas atividades foram repercutidas também pela Rádio de Moçambique.

²⁷ "Debate sobre antropologia marxista orientado por Claude Meillassoux", *Jornal Notícias*, Maputo, 5 de novembro de 1977, (*Humatèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

²⁸ O historiador Michel Cahen, em um ensaio intitulado "Seis teses sobre o trabalho forçado no império português continental em África", inspira-se nas contribuições de Claude Meillassoux (sobre o modo de produção doméstico) e de Pierre-Philippe Rey (sobre a articulação dos modos de produção), quando afirma: "[...] é muito mais rentável manter o modo de produção doméstico para que as mulheres possam continuar produzindo produtos alimentares enquanto os homens são compelidos ao trabalho forçado. Dessa forma, pode-se pagar os homens abaixo do custo de sua reprodução social e de suas famílias, visto que a produção doméstica 'paga' a diferença" (Cahen, 2015, p. 143).

²⁹ Joe Slovo (1926-1995) nasceu no seio de uma família judia, na Lituânia. Aos oito anos de idade emigrou, com sua família, para a atual África do Sul. Em 1942, filiou-se ao Partido Comunista Sul-Africano. Ao longo da sua vida participou em organizações *antiapartheid* e foi uma importante liderança do Congresso Nacional Africano (ANC). Viveu no exílio entre 1960 e 1990. Com o fim do *apartheid*, Nelson Mandela o nomeou Ministro da Habitação. Foi também casado com Ruth First, com que teve três filhas.

Slovo solicitou a dos Santos que esboçasse um breve panorama da composição social e de classe da sociedade moçambicana. Na sua resposta, o líder da Frelimo reconheceu a existência de relações capitalistas "como resultado da introdução de elementos do capitalismo pelo colonialismo", assim como a existência de relações de tipo tradicional: uma espécie de "economia de subsistência". Na sequência, evocando um argumento que bem poderia ser subscrito por Meillassoux, Marcelino dos Santos advertiu:

No entanto, estas duas sociedades não existem isoladas uma da outra: estão completamente interligadas. Por quê? De onde vêm essas pessoas que trabalham nas plantações? Todas essas pessoas que trabalham dentro do setor capitalista vêm do setor tradicional [...] As duas sociedades estão ligadas e em várias instâncias as pessoas que compõem ambas as sociedades são as mesmas [...] (dos Santos, 1973, p. 28-29).

Todavia, diferentemente de Meillassoux, dos Santos almejava o gradual desaparecimento da sociedade "tradicional". O contraponto político desse postulado econômico se apoiava no ferrenho combate da Frelimo ao denominado tribalismo. Na visão de Marcelino dos Santos, o desenvolvimento econômico era a condição *sine qua non* para o surgimento de uma consciência nacional e a conseguinte "morte da tribo": "Para construir a nação você precisa, em primeiro lugar, construir realidades econômicas dentro quais todo mundo instintivamente se sinta parte. [...] Portanto, eu diria que o desenvolvimento econômico nacional é uma parte essencial do contínuo processo de criação da nação" (dos Santos, 1973, p. 42). Lembremos que as declarações de dos Santos ocorreram em 1973, ou seja, nas vésperas da independência, quando a Frelimo estava ainda empenhada em consolidar sua presença nas "zonas libertadas". A alardeada "morte da tribo" (ou do tribalismo) seria, segundo

os porta-vozes da Frelimo, resultado não apenas de um processo de desenvolvimento econômico no âmbito da produção, mas também consequência de um trabalho ideológico. Tal como afirmara o próprio Samora Machel em 1970, em um discurso pronunciado na II Conferência do DEC (Departamento de Educação e Cultura) em Tunduru (Tanzânia): "Unir todos os moçambicanos, para além das tradições e línguas diversas, requer que na nossa consciência morra a tribo para que nasça a Nação" (1978, p. 11)³⁰.

Entretanto, convém sublinhar que as considerações de Meillassoux em relação à singularidade do campesinato moçambicano não possuem qualquer relação com uma suposta defesa irretida da etnicidade, das identidades, das tradições ou das dimensões culturais da vida social. Isto não significa que ele ignorasse esses aspectos ou que, mecanicamente, os considerasse um mero reflexo superestrutural. Ocorre que, ao focar suas preocupações nas formas de produção e reprodução da comunidade doméstica, deixa aquelas questões, por assim dizer, em um lugar residual³¹. Em outro contexto, Meillassoux retornou a essa questão: desta vez, quando refletia sobre os desafios da integração dos trabalhadores migrantes na França. A respeito da "proteção dos valores tradicionais", afirmará enfaticamente: "Não quer dizer que os valores culturais não devam ser respeitados ou promovidos [...] Mas [os imigrantes] não precisam do antropólogo para que lhes diga qual é sua cultura e como devem praticá-la" (Meillassoux, 2009, p. 5). Há, nessa afirmação, algo mais profundo do que a simples evitação de um paternalismo antropológico. Lembremos que, imediatamente antes da sua viagem a Moçambique, ele foi um observador, em primeira mão, da tragédia sul-africana, ou seja, uma testemunha das reificações étnicas que o *apartheid*, em nome da pureza cultural e

³⁰ Precisariamos de mais espaço para explorar, com detalhe, as elaborações discursivas e as intervenções dos porta-vozes da Frelimo em torno do processo de construção da nação em Moçambique e seus desdobramentos: a luta contra o "tribalismo", contra o regionalismo, contra o "obscurantismo", etc. Em outra ocasião, abordei essas questões em um artigo intitulado "Fragmentos de uma imaginação nacional" (cf. Macagno, 2009).

³¹ Este ponto mereceria ser desenvolvido com mais detalhes em outro trabalho. Por enquanto, vale adiantar que os tópicos sobre "eticidade" e "identidade" foram alvo, por volta de 1991, de profundas discussões no seio do "Groupe de Recherche (GDS) Afrique Australe" coordenado por Meillassoux. Parte do debate teve como protagonista Michel Cahen, que chegou a propor, dentro do GDS, um *atelier* de discussão sob o título "*Tensions sociales et polarisations ethniques em Afrique australe*".

do "desenvolvimento separado", levaria a limites paroxísticos.

Anos mais tarde, perante o ferrenho voluntarismo frelimista, Meillassoux voltaria a manifestar um ceticismo cauteloso. Por isso, no decorrer da sua visita, foi-se mostrando cada vez mais crítico em relação às políticas de implementação das

aldeias comunais. Justamente ao incidirem, as aldeias comunais, sobre os mecanismos de produção e reprodução familiar, o risco era de que elas provocassem consequências perversas e, involuntariamente, criassem novos mecanismos de exploração (neste caso, dos mais "velhos" sobre os jovens).

Figura 1. Nota do jornal *Notícias* (5 nov. 1977), divulgando a conferência de Meillassoux ministrada no Instituto de Investigação Científica de Moçambique, na UEM



Fonte: Humathèque Condorcet/Cx 35.

Nas suas intervenções públicas em Maputo, Meillassoux advertiu sobre os riscos de uma coletivização que ignorasse as idiossincrasias da vida rural moçambicana. Poucos dias depois da conferência no Instituto de Investigação Científica de Moçambique, pronunciou-se sobre esses assuntos perante uma plateia diversa, em uma reunião realizada em 8 de novembro, na sede da

Organização Nacional dos Jornalistas em Maputo:

Meillassoux frisou várias vezes a necessidade de se conhecer profundamente os problemas para se compreender as questões surgidas, tendo dado o exemplo de aparecerem velhos que podem não aceitar ir para uma aldeia comunal. "A solução simplista e talvez oportunista é dizer que ele é reacionário. Mas o que é preciso fazer, é compreender porque é que agem assim. Nas comunidades domésticas os velhos sabem que se vai tomar conta deles.

Se nas aldeias comunais não existirem essas instituições eles vão resistir. Vão aumentar sua dominação sobre os jovens. Vão criar instituições para manter as relações anteriores", salientou (Notícias, 9 nov. 1977)³².

Além da conferência ministrada no Instituto de Investigação Científica de Moçambique, em 4 de novembro (sobre "antropologia marxista), e do encontro informal de 8 de novembro na Organização Nacional dos Jornalistas, o jornal *Notícias* divulgou a conferência intitulada "A situação na República da África do Sul", proferida em 5 de novembro de 1977 no Anfiteatro da Faculdade de Medicina, e organizada pela Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane. Na ocasião, Meillassoux aproveitou para divulgar os resultados da sua pesquisa na África do Sul. Tratava-se de um trabalho não apenas de índole acadêmica, mas de intervenção política e ética, em um momento em que o *apartheid* atingia o seu ápice de violência e arbitrariedade³³. Segundo Jean Copans (2009, p. 13, nota 12), Meillassoux foi o primeiro antropólogo francês a realizar uma pesquisa de campo na África do Sul, em pleno regime do *apartheid*.

Durante a sua estadia, Meillassoux estabeleceu boas relações acadêmicas e pessoais com vários colegas, como Fernando Ganhão, na altura reitor da Universidade Eduardo Mondlane. Encontrou-se, também, com Albie Sachs, advogado e militante *antiapartheid* que, naqueles dias, passava parte do seu exílio em Moçambique³⁴ e travou

um profícuo diálogo com o arquiteto moçambicano José Forjaz. Ruth First, que já tinha estado em Maputo (primeiro em 1975, depois em 1977), encontrava-se temporariamente na Universidade de Durham, na Inglaterra; por esse motivo, não conseguiu se reunir com Meillassoux (lembremos que, a partir de 1979, ela assumiu o cargo de diretora de pesquisas no CEA)³⁵. De qualquer maneira, o antropólogo tomou conhecimento da primeira versão do relatório da pesquisa coordenada por First sobre a migração de moçambicanos às minas sul-africanas. Tratava-se do famoso trabalho do qual participaram vários estudantes e colaboradores do Centro de Estudos Africanos, e que foi publicado pela primeira vez em 1977, sob o título *The Mozambican Miner. A Study in the export of Labour*. Mais tarde, em uma carta datada de 11 de janeiro de 1978, escrita em inglês, Meillassoux manifestaria o seu reconhecimento a Ruth First e ao trabalho do CEA nos seguintes termos:

Tive a oportunidade de ler a sua obra coletiva sobre o *The Mozambican Miner*, que contém dados excelentes. Ela me faz pensar que esse tipo de pesquisas deveria encorajar mais as atividades do Centro e o seu ensino. Creio que nas presentes condições, em Moçambique, o ensino dos estudos africanos devia estar enraizado em pesquisas concretas e de campo e a partir de questões levantadas por essas pesquisas. Estou cada vez mais cético a respeito de aulas ministradas sobre questões acadêmicas, distantes dos interesses reais dos estudantes. Por esse motivo, atribuo um grande mérito a *The Mozambican Miner*, como um bom ponto de partida³⁶.

³² Encontro com Meillassoux na sede da Organização Nacional dos Jornalistas, Maputo. *Notícias*, 9 nov. 1977 (*Humatèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

³³ Em setembro, um mês antes de chegar a Moçambique, Meillassoux publicou um pequeno artigo intitulado "La crise du pouvoir en Afrique du Sud", no *Le Monde Diplomatique*, de Paris (v. 24, n. 282, p. 15-17). Sobre a questão sul-africana e o *apartheid* publicou vários trabalhos. Cf. Meillassoux (1979); Diener, Lachartre e Meillassoux (1982); Meillassoux e Messiant (1991).

³⁴ Em 1988, Albie Sachs sofreria, em Maputo, um atentado perpetrado por um agente secreto do *apartheid*. Gravemente ferido, foi transferido ao Hospital de Maputo. Os médicos moçambicanos lograram salvar a sua vida, mas ele perdeu o braço direito e a visão de um dos seus olhos.

³⁵ Em 1982, foi assassinada em seu escritório do CEA, por uma carta-bomba enviada por agentes sul-africanos a serviço do *apartheid*.

³⁶ Carta de Meillassoux a Ruth First, em 11 de janeiro de 1978 (*Humatèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

Figura 2. Nota do jornal *Notícias* (4 nov. 1977), divulgando a palestra “A situação na República da África do Sul”, ministrada no anfiteatro da Faculdade de Medicina, em Maputo



Fonte: Humathèque Condorcet/Cx 35.

Mais recentemente, em Moçambique, cientistas sociais *seniors* – os “jovens” de 1977 – ainda se lembram da passagem de Meillassoux e do seu grupo pela UEM. Cabe salientar que Jean Copans também visitou o País em 1983 e man-

teve boas relações com Aquino de Bragança. Depois do falecimento de Bragança³⁷, Copans voltou a Moçambique em 1994. Pierre-Philippe Rey, outro antropólogo marxista, orientou na Université Paris 8 algumas teses de doutorado

³⁷ Recordemos que Aquino de Bragança faleceu em 19 de outubro de 1986, no “acidente” de avião que também vitimou o presidente Samora Machel e mais de trinta pessoas que com eles viajavam (ministros, funcionários e parte da tripulação russa do *Tupolev*).

sobre Moçambique³⁸. Ao que parece, Rafael da Conceição³⁹ (discípulo de Meillassoux, de Copans, de Pierre-Philippe Rey e amigo de Geffray) conserva boas recordações da *troupe* parisiense: "Se Pierre-Philippe Rey, Claude Meillassoux, Jean Copans e Christian Geffray vieram sempre para Moçambique é porque havia um espaço de diálogo, apesar dos conflitos que havia entre a antropologia e o poder na altura" (Jossias; Matusse, 2010, p. 12).

A razão antropológica, com seus métodos e ferramentas, contesta a boa consciência e o voluntarismo de um centralismo iminente. De certa forma, e quase que involuntariamente, Meillassoux postulou um "pessimismo do intelecto" perante o otimismo da vontade frelimista, apesar de não fechar as portas a uma "prática da transformação". Para o caso que nos ocupa, o núcleo da controvérsia passava pelo destino de uma categoria – os camponeses – que, aos olhos dos responsáveis pelo País, havia mudado substancialmente. Conforme essa visão, a antropologia estaria preocupada, nostalgicamente, com um objeto que já não existia. Meillassoux chamou a atenção sobre os resultados pouco benéficos das aldeias comunais no que diz respeito, sobretudo, ao setor cooperativo e à agricultura familiar. Criticou, portanto, o consequente superdimensionamento das empresas agrícolas estatais. Em um artigo publicado em 1985 em colaboração com Christine Verschuur⁴⁰, manifestou sua preocupação em duros termos:

O comportamento dos responsáveis moçambicanos é igual ao de todos os burocratas, socialistas ou coloniais, confrontados perante o campesinato, valendo-se das mesmas receitas

e com os mesmos resultados: reagrupamento das populações ao longo das vias de comunicação; campos coletivos obrigatórios destinados a alimentar os recursos do Estado, coerção que serve para eludir os efeitos desastrosos da sua própria ignorância. Para uns como para outros, os camponeses não têm existência social. Em Maputo, escutamos repetir entre os âmbitos responsáveis que 'o campesinato tradicional foi destruído pela colonização' e que, nestas circunstâncias, a antropologia não tem nenhuma utilidade (Meillassoux; Verschuur, 2012, p. 86).

Conflitos "entre a antropologia e o poder", salientou Rafael Conceição em seu depoimento. Trata-se de um vasto capítulo da história de uma ciência que, em diferentes situações, perturbou a razão instrumental dos imperativos estadocêntricos, sejam eles coloniais ou pós-coloniais. Nesse caso, as razões esgrimidas pela antropologia econômica contestam, apesar do entusiasmo inicial, os alcances da utopia frelimista. Mas essa crítica cultural, longe de se fundar em uma inquietação meramente acadêmica ou professoral, opera no marco de um dispositivo de ordem prático: o destino e as condições de existência dos camponeses moçambicanos. A captura do "ponto de vista do nativo", dizem os manuais, é uma condição indispensável do fazer antropológico. Sem fugir à regra, Meillassoux se mantém fiel a esse princípio, que é, ao mesmo tempo, metodológico e político. No próximo item, abordarei outro fragmento desse impasse entre "antropologia" e "poder".

Conselhos a um velho "camarada"

Ao retornar à França, e sem ter tido a chance de intercambiar suas impressões com Marcelino

³⁸ Ver as seguintes teses orientadas por Pierre-Philippe Rey: BRITO, Luís Manuel Cerqueira de. *Le frelimo et la construction de l'état national au mozambique. Le sens de la référence au marxisme (1962-1983)*. 1992. Tese (Doutorado em Etnologia) – Universidade Paris 8, Paris, 1992. | CONCEIÇÃO, António Rafael da. *Entre mer et terre: situations identitaires des populations côtières du nord mozambicain (Cabo Delgado): 1929-1979*. 1993. (Doutorado em Antropologia e Sociologia do Político) – Universidade Paris 8, Paris, 1993. | DOMINGOS, Luis Tomas. *La question de l'identité ethnique et la formation de l'Etat-Nation au Mozambique: le cas des Sena de la Vallée du Zambeze*. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Paris 8, Paris, 2002. | RAIMUNDO, José Alberto. *La place et le rôle des villageois dans le processus de mise en oeuvre de la politique agraire au Mozambique: le cas des communautés Ajaua de la province de Nyassa: 1975 a 2005*. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Paris 8, Paris, 2008.

³⁹ António Rafael da Conceição conseguiu realizar seus estudos de antropologia em Paris graças à intermediação de Michel Samuel. Sua tese, orientada por Pierre-Philippe Rey (mencionada na nota anterior), foi traduzida e publicada em português, em 2006, sob o título "Entre o mar e a terra: situações identitárias do norte de Moçambique", pela Promédia.

⁴⁰ Christine Verschuur, doutora em Antropologia do Desenvolvimento pela Universidade Paris 1/Panthéon Sorbonne, trabalhou, entre 1979 e 1985, como pesquisadora visitante na Universidade Eduardo Mondlane e junto à Comissão Nacional das aldeias comunais do Ministério de Agricultura de Moçambique, elaborando vários relatórios sobre a questão. Ela copublicou, também, um estudo crítico sobre os primeiros dez anos da independência de Moçambique. Cf. VERSCHUUR, Christine et al. *Mozambique. Dix ans de solitude*. Paris: L'Harmattan, 1985.

dos Santos, Meillassoux resolveu redigir-lhe uma carta. Afinal, tratava-se de um velho amigo dos "anos de Paris", época em que, junto a outros estudantes, frequentavam as aulas de Georges Balandier. O cabeçalho da carta segue o formato que os protocolos de uma "alta autoridade" exigem: *Monsieur Marcelino DOS SANTOS, Ministre de l'Economie et de la Planification* [sic]. No entanto, ao iniciar o seu texto, Meillassoux procede de um modo mais coloquial, escrevendo simplesmente: "*Cher Marcelino*", o que evidencia um tom de proximidade e camaradagem.

No início da epístola, Meillassoux se mostra prudente: "Meus conhecimentos sobre Moçambique", diz, "[...] são escassos e os julgamentos que tenho são provavelmente superficiais. Em geral, eles se resumem a algumas proposições que diversas vezes formulei durante a minha estadia"⁴¹. Neste ponto, Meillassoux ressalta as críticas que já formulara e que explicitara publicamente durante a sua visita: os alertas sobre os riscos perversos da coletivização forçada nas aldeias comunais; os conselhos sobre a importância de não destruir – em nome da modernização socialista – as relações sociais de produção e reprodução da comunidade doméstica; a preocupação com os perigos de uma centralização burocrática de cunho autoritário, e assim por diante. Meillassoux procura ser diplomático, para não ferir os narcisismos revolucionários. Por momentos, mostra-se compreensivo para, no entanto, avançar com uma estocada:

Chamou-me a atenção, primeiramente, a preocupação por manter e fazer funcionar a economia em todos os seus níveis, e em boas condições. Os responsáveis me pareceram motivados, competentes e preocupados em aprender. Como é inevitável, há alguns traços de burocratização e "*caporalisation*"⁴² [sic], sobretudo nos níveis mais baixos. Fiquei chocado, particularmente, pelo treinamento militar "à la marine" que observei uma manhã no pátio de uma escola. Esse tipo de treinamento só se aplica aos exércitos desprovidos de ideologia

revolucionária. Adotá-lo em um país como Moçambique é castrador.

Contudo, encontrei por todos os lados uma grande vontade de escutar, de aprender, não só a partir dos textos, mas da experiência. Portanto, minha impressão é bastante positiva, ainda que, como imaginas, com o receio de que uma vez mais nossas esperanças sejam frustradas sob a ofensiva burocrática⁴³.

Na sequência, esboça uma comparação entre a experiência colonial francesa e a portuguesa, que, aos olhos dos representantes mais ferrenhos da Frelimo, poderia resultar escandalosa. Há, em um fragmento da missiva, um tênue reconhecimento à estrutura "material" deixada por Portugal. Os portugueses, diz, deixaram um precário *corpus* de conhecimentos etnográficos ("história e organização social das populações") em relação aos produzidos pela colonização francesa. Contudo, a colonização portuguesa teria "deixado uma estrutura material considerável":

No que se refere ao domínio que me resulta mais familiar, as ciências sociais, penso que é urgente que intervenham mudanças que permitam uma articulação da Universidade e dos Centros de investigação com a prática e, portanto, com o setor político. Portugal deixou uma estrutura material considerável, comparativamente mais importante que aquela que os franceses deixaram na África Ocidental – mas poucos conhecimentos concernentes à história e à organização social destas populações⁴⁴.

Em continuação, debruça-se sobre um tema que, durante a sua estadia, preocupou-o recorrentemente: as aldeias comunais. No fim das contas, Meillassoux é um antropólogo cuja obra está intrinsecamente ligada ao estudo das condições de existência das populações camponesas. Portanto, ele não poderia ser indiferente ao destino da "comunidade doméstica" de Moçambique no contexto da realocação forçada de milhares de camponeses:

O problema atual das aldeias comunais deve ser abordado com pleno conhecimento dos fatos, a fim de evitar erros que conduzam a

⁴¹ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

⁴² O termo tem uma vasta etimologia. Ao que parece, surge do latim *kaput* ("cabeça"), que desemboca no italiano *capo*. Na linguagem militar, em francês, *caporal* é alguém que ocupa o nível mais baixo na hierarquia de comando. Deduz-se que, em virtude dessa subalternidade e da falta de controle por parte dos seus superiores, a "caporalização" implica o exercício de um mando que pode derivar em arbitrariedades, abusos e violências.

⁴³ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

⁴⁴ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

fracassos e que incentivem o recurso a mecanismos de coerção. Isto significaria o fim da revolução em Moçambique, e a instalação da tão temida ditadura burocrática. Os responsáveis das aldeias comunais são competentes e motivados. Mas, atualmente, só consideram a solução no nível material de melhoria da habitação e da reorganizando a produção. Ora, nenhum sistema social pode substituir outro sem resolver um conjunto de problemas. Caso contrário, há resistência da parte dos interessados e, se permanecemos indiferentes, degradação política. Ora, dois aspectos importantes parecem-me negligenciados atualmente por falta de informação adequada: o da responsabilidade para com os improdutos e o da renovação das novas gerações (ou seja, o problema da reprodução social nessas novas comunidades)⁴⁵.

A partir dessa premissa, a segunda parte da carta a Marcelino dos Santos assume a forma de uma espécie de resumo de argumentos mais complexos, apresentados, sobretudo, no seu livro *Mulheres, celeiros e capitais* (Meillassoux, 1977). Nessa obra, que constitui um furibundo ataque às análises sobre parentesco elaboradas por Lévi-Strauss, Meillassoux chama a atenção sobre a importância da "circulação dos descendentes" (ou seja, dos futuros produtores, as crianças) como condição de reprodução da comunidade doméstica. No cerne dessa crítica, o parentesco é uma mera ideologia, um mero resíduo. O importante, para Meillassoux, é compreender, para além dos imperativos da consanguinidade, ou da centralidade da "paternidade", o circuito, através das gerações, que permite a produção e a reprodução da sociedade doméstica. Por isso, o seu capítulo central se intitula "As estruturas alimentares do parentesco", em um franco jogo irônico de palavras em relação ao título do livro de Lévi-Strauss *As estruturas elementares do parentesco*, publicado em 1948 (ver, também, Paul, 2009).

Retornemos às advertências de Meillassoux. No final da carta, o antropólogo vislumbra a desagregação da comunidade doméstica e, paradoxalmente, o reforço de mecanismos locais "tradicionais" que atuam para minimizar esse impacto. No seu argumento, evoca uma temática longamente analisada pela antropologia africanis-

ta: a questão do *lobolo* (vulgarmente conhecido como "casamento tradicional") que envolve um mecanismo de prestações e contraprestações que, na literatura antropológica clássica, tem sido subsumido a uma temática mais ampla: a "reciprocidade". Ou seja, a prestação que a família do noivo faz à família da noiva opera não apenas como uma simples compensação nupcial. De um ponto de vista *emic* (ou seja, da perspectiva dos próprios envolvidos), o *lobolo*, como dispositivo que intervém na aliança entre dois grupos ou famílias, evita a ira dos espíritos e, sobretudo, permite que os filhos nascidos dessa aliança possam ser integrados sem *milandos* (conflitos) na família de seus "novos futuros" antepassados. De qualquer modo, neste ponto, Meillassoux opta por uma interpretação peculiar ("economicista", pensarão alguns): o *lobolo*, dentro de um sistema de reprodução social intergeracional, funcionaria como uma espécie de pré-aposentadoria que perpetua o domínio dos anciãos sobre os jovens. A passagem é extensa, mas vale a pena transcrevê-la na sua totalidade, pois ela condensa o cerne da preocupação antropológica e política de Meillassoux:

Na sociedade doméstica que se pretende substituir, as crianças permanecem dependentes dos mais velhos até o desaparecimento deles. A segurança dos anciãos está assegurada por esta dependência. A dominação dos mais velhos se baseia em grande parte neste objetivo e o seu poder, na vontade de o preservar, de sorte que tudo o que ameace esta situação adquirida suscita resistências do meio mais influente, o mais ideologicamente dominante, da sociedade doméstica: os anciãos. A desintegração das relações agrícolas e vitalícias sob o efeito do salariado e do êxodo rural freia os circuitos de prestações que permitem aos anciãos dominar o sistema e reservar para si a parte do produto social necessário para conservá-lo para além da sua vida ativa. É para enfrentar esta situação em vias de degradação que hoje eles procuram assegurar antecipadamente para si uma parte do produto dos mais novos, transformando o sistema dotal (*lobolo*) em uma espécie de pré-aposentadoria. O *lobolo* terá tanto mais probabilidades de persistir e mesmo de se agravar quanto maior for a insegurança das gerações mais velhas. Porque essas gerações mais velhas estão em constante renovação; os homens que têm agora 40 ou 45 anos já estão

⁴⁵ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

a pensar em como prover à sua velhice. Se não houver uma solução coletiva para este problema, eles recorrerão a soluções individualistas, contribuindo assim para uma kulakização da sociedade⁴⁶.

O termo "kulakização" evoca aqui os fantasmas de uma categoria social – os Kulaks – que produziu os maiores desafios para a produção agrícola na ex-União Soviética. Tratava-se de proprietários rurais que, em momentos de fome e escassez de grãos, voltaram-se à especulação, ao acúmulo de excedente e ao emprego, com métodos protocapitalistas, da força de trabalho assalariada. Na sequência, Meillassoux evidencia seu mal-estar contra o risco das "soluções burocráticas":

A solução burocrática para este problema é a repressão. A solução revolucionária passa pela solução do problema da segurança social, mesmo que isto dê a impressão, a priori, de ser oneroso, porque retira uma parte do excedente que parece aumentar, no início do funcionamento de novas fórmulas, porque é de fato retirado dos fundos de sobrevivência do sistema. O outro problema é o da substituição das novas gerações. Como devem ser formados os pré-produtores neste sistema? A que se destinam? Se há aumento da produção agrícola, tal como é desejável, pela introdução de uma agricultura de alta produtividade, uma parte importante das novas gerações deverá abandonar as aldeias para ser empregada em outros setores. Os preparativos para esta transferência devem começar agora⁴⁷.

A questão das aldeias comunais preocupou sobremaneira Meillassoux. Justamente em 1977, ano da sua visita a Moçambique, a revista *Tempo* publicou uma charge do famoso personagem que representava o "inimigo do Povo": Xiconhoca. No *cartoon*, Xiconhoca aparece gritando perante um grupo de camponeses: "Parem! Para que aldeias comunais? Isso de cheias não é nada! Não podemos abandonar as terras dos nossos antepassados!"⁴⁸

Por fim, na mesma carta, e ainda sobre o destino da "comunidade doméstica" em face da implementação das aldeias comunais, Meillas-

soux finaliza:

No que diz respeito à produção agrícola tradicional, fiquei impressionado pela fragilidade das técnicas e, sobretudo, pelos métodos de armazenamento dos cereais. Será que isto se deve de uma adoção historicamente tardia da cultura de cereais, considerada como secundária em relação aos tubérculos? Ou a recusa de armazenar, tendo em conta as taxas impostas aos camponeses antes e depois da colonização? Trata-se de questões úteis a se conhecer a fim de orientar uma política agrícola⁴⁹.

De fato, esta preocupação de Meillassoux – a distinção socioantropológica entre culturas de tubérculos e culturas de cereais – foi explicitada, mais de uma vez, na sua obra *Mulheres, celeiros e capitais*. Ali, seguindo as primeiras descobertas empíricas da denominada "escola etnográfica alemã", Meillassoux atesta uma correlação entre sociedades matrilineares ("ginecoestáticas") e o cultivo de tubérculos, enquanto as sociedades patrilineares ("ginecomóviles") estariam associadas ao cultivo de cereais. "Trata-se de questões úteis a se conhecer a fim de orientar uma política agrícola", conclui Meillassoux. Na altura, o Centro de Estudos Africanos não se mostrava demasiado interessado em pesquisas de cunho etnográfico. Aos olhos de muitos, a antropologia estava associada ao saber colonial. Era considerada, ainda, a ciência dos "povos atrasados" ou em vias de extinção.

A relação antropologia e colonialismo tem sido vastamente explorada por uma literatura mais ou menos consagrada. Em grande medida, trata-se de um debate datado, associado, sobretudo, ao momento em que as novas elites nacionalistas africanas enxergavam a antropologia como uma ciência colonialista. No entanto, a elaboração intelectual dessa suposta cumplicidade tem assumido, por momentos, a forma de uma caricatura. A dimensão da deformação foi diretamente proporcional à ignorância das trajetórias antropológicas concretas. O resultado dessa equação nasce das evidências trazidas por uma plêiade

⁴⁶ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

⁴⁷ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

⁴⁸ Xiconhoca. O inimigo. *Tempo*, Maputo, n. 335, p. 2, 1977.

⁴⁹ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

de antropólogas e antropólogos (Meillassoux, dentre eles) cujas trajetórias, de diferentes maneiras e em diversos contextos, questionaram o poder colonial.

Como discípulo de Georges Balandier, Meillassoux concebia a antropologia como uma prática teórica capaz de intervir no mundo social "real". Sua antropologia era, longe das estruturas neokantianas promovidas por Lévi-Strauss, essencialmente processual e preocupada com os efeitos do capitalismo na produção e reprodução da vida social. Lembremos que, nessa genealogia antropológica, o próprio Balandier se inspirou nas correntes situacionistas e dinamistas de Max Gluckman, que, aliás, não escondia suas simpatias marxistas. Na sua carta a Marcelino dos Santos, Meillassoux propõe uma colaboração conjunta e sem dogmatismos entre universidade e partido: "No que diz respeito às relações Universidade-Partido, penso que o ensino universitário deve fundar-se sobre a prática, ou seja, sobre um exame *in situ* no terreno dos problemas econômicos, sociais e políticos que envolvem uma revolução"⁵⁰. Por isso, para além da construção de etnografias convencionais de cunho autoral, propõe pesquisas pautadas por um permanente diálogo coletivo. "Eu vejo essa questão [da pesquisa *in situ*] [...] da seguinte maneira":

1. Debates sobre as principais questões a respeito das quais é urgente aportar respostas para guiar a ação do Partido.
2. Formação de equipes de pesquisa de 4 ou 5 pessoas, compostas de estudantes orientados por um responsável.
3. Implantação do grupo sobre o terreno, cada pessoa alocada em uma comunidade tradicional ou moderna, próximas umas das outras. Mas nunca mais de uma pessoa no mesmo local.

4. Instruções aos pesquisadores: levantar através da observação, conversações e entrevistas semiestruturadas, os elementos das respostas às questões previamente debatidas. [cf. 1)]
5. Reuniões periódicas dos pesquisadores junto ao responsável, sobre o terreno, para intercambiar as informações e re-ajustar a pesquisa⁵¹.

Em termos gerais, sua proposta não difere da metodologia implementada nos trabalhos coletivos realizados por Ruth First e elogiados, como vimos, pelo próprio Meillassoux. Trata-se, mais especificamente, da investigação em equipe que derivou em uma das obras paradigmáticas do Centro de Estudos Africanos da UEM: "O mineiro moçambicano" [*The Mozambican Miner*]. Apesar de Ruth First ter sido consagrada como a grande autora daquele trabalho, "O mineiro moçambicano" é resultado de um esforço eminentemente coletivo⁵². Essa metodologia coletiva deve muito, também, à participação de outros dois pesquisadores do CEA: David Wield e Marc Wuyts (ver Wuyts, 2014, p. 64).

Por fim, para Meillassoux, é imperioso um esforço coletivo de recolecção de dados e problemas (submetidos a uma permanente reflexão) que opera como uma práxis, como uma "prática da transformação":

Os documentos levantados são logo reunidos por todas as equipes e seus relatórios debatidos em conjunto. Diversas teses são apresentadas e discutidas. Sobre a base destas pesquisas e dos problemas que levantam, assim como sobre a base da prática da transformação, elaborar um programa de ensino que seja suscetível de articular-se sobre as problemáticas do dia...Assim, o ensino não será ministrado a partir de uma escolha abstrata e acadêmica de temas, mas a partir da curiosidade que despertará a observação da realidade. A Universidade e as ciências sociais se reconstruirão, portanto, a partir da vida, retornando com maior impacto e pertinência⁵³.

⁵⁰ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

⁵¹ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

⁵² No início do relatório *The Mozambican Miner*, aparece a lista dos vários pesquisadores moçambicanos que participaram na recolecção dos dados e no trabalho de campo. Ver CEA (1977). Em 1998, o CEA publicou a reedição em português, sob a coordenação científica de Alpheus Manghezi, Colin Darch, David Hedges e Luis Covane. Essa edição de 1998 foi possível graças ao apoio de Peter Fry, que, na altura, coordenava, com apoio de Fundação Ford, um projeto para promover o intercâmbio acadêmico entre Brasil e Moçambique. Mais recentemente, em 2015, a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) republicou a versão em português, sob a coordenação do professor Marco Mondaini. Para conhecer os pormenores daquele trabalho de Ruth First e a equipe do CEA, ver Wuyts (2014).

⁵³ Carta de Meillassoux a Marcelino dos Santos, 30 jan. 1978 (*Humathèque Condorcet/Aubervilliers*, Fonds Claude Meillassoux, boîte 35).

Longe de qualquer empirismo ingênuo, ou da simples metodologia professoral, na sua carta, Meillassoux concebe a pesquisa como uma elaboração coletiva que interpreta a realidade e, nesse movimento, modifica-a. Esse paradigma de construção do "saber" e de orientação do "fazer" rompe a arbitrária separação entre ciência pura e aplicada, pois o concreto, contrariamente ao que postula o cânone positivista, é sempre uma totalidade pensada e o resultado da ação sobre o "real".

Finalmente, e para além daquelas recomendações específicas, vale sublinhar que a interlocução iniciada em 1977 com os estudantes no CEA viria a ter suas repercussões. A partir de 1986, quando Meillassoux criou, com o apoio do CNRS, o Groupement de Recherche (GDR) "Afrique Australe", vários futuros cientistas sociais moçambicanos começariam a gravitar ao seu redor: Ana Maria Loforte, Luís de Brito, Rafael da Conceição, dentre outros. A própria obra de Christian Geffray em Moçambique possui também a marca desse diálogo⁵⁴.

Comentários finais

1977, ano da primeira viagem de Meillassoux a Moçambique, marcou um momento significativo na história do País. O jornalista e escritor moçambicano Albino Magaia (1947-2010) definiu aquele ano como "*Um marco na vida do povo moçambicano*"⁵⁵. Além de ter sido a data da realização do III Congresso da Frelimo (quando a Frente de Libertação passou a se autoproclamar como um partido marxista-leninista), foi também o momento no qual o presidente Samora Machel lançou, em Nacala, as diretrizes para a implantação da planificação econômica da "República Popular de Moçambique". O marxismo-leninismo e a construção do "poder popular" passaram a ser as palavras de ordem. No entanto, Meillassoux

não se deixou seduzir pelas aparências daquela fraseologia.

Se, por um instante, deixássemos-nos tentar pelo individualismo metodológico, correríamos o risco de atribuir à carta de Meillassoux uma inspiração paternalista. Mas, nesse caso, apelar à explicação do temperamento individual é uma falsa quimera. Meillassoux se sentiu livre para expressar-se porque estava se dirigindo a um velho colega de curso, a um parceiro das militâncias anticolonialistas. No entanto, há algo que muda os termos desse diálogo: "agora", o seu antigo companheiro ocupava cargos importantes na gestão burocrática de um país repleto de desafios.

No início de 1978, data em que Meillassoux redigiu a carta, Marcelino dos Santos, na qualidade de Ministro de Desenvolvimento e Planificação Econômica, estava prestes a enfrentar as tarefas que a construção do "poder popular" demandava. Na altura, ocupava também o cargo de Secretário da Comissão Permanente da recém-criada Assembleia Popular. Nessas circunstâncias, dificilmente dos Santos teria tempo para se embrenhar em discussões antropológicas com o seu velho amigo de Paris. Naquela época, deslocou-se à Província de Tete, onde se reuniu com trabalhadores do carvão, em Moatize, e com "estruturas políticas e administrativas" da Hidroelétrica de Cahora Bassa, no Songo. Perante uma plateia de trabalhadores, pronunciou longos discursos sobre "[...] as linhas gerais orientadoras de todo o Processo de planificação para o país inteiro e para todos os sectores da vida económica da nação"⁵⁶.

Não sabemos se a carta chegou às mãos de Marcelino dos Santos. Mas o fato de o antropólogo tê-la redigido é, em si, um sintoma significativo das suas crescentes preocupações com os rumos que o jovem país estava tomando. Hoje, *post factum*, podemos afirmar que suas advertências foram visionárias. Mas, apesar das

⁵⁴ Nas primeiras páginas da sua tese de doutorado sobre os *Makhuwa* do distrito de Erati, os agradecimentos de Geffray a Meillassoux são inequívocos: "[...] Claude Meillassoux acompanhou esta pesquisa desde o seu início, sempre generoso em seus estímulos, os quais eu valorizava ainda mais, já que ele nunca ocultava suas críticas. Os desenvolvimentos aqui contidos sobre o sistema terminológico do parentesco, devem muito a nossas longas e apaixonadas conversas. [...] Mas devo ainda a Claude Meillassoux mais do que uma inspiração teórica ou de método: quaisquer que fossem minhas inseguranças ou imperícias ao longo da elaboração deste texto, ele nunca deixou de manifestar sua confiança em meu trabalho" (Geffray, 1987, p. 2).

⁵⁵ Cf. 1977. Um marco na vida do povo moçambicano. *Tempo*, Maputo, n. 378, p. 14-16, 1978.

⁵⁶ Ver OS OPERÁRIOS e camponeses têm de conquistar o poder no campo da ciência e da técnica. *Tempo*, Maputo, n. 378, p. 32, 1978.

críticas esgrimidas, é preciso dizê-lo, Meillassoux continuou sendo um amigo de Moçambique. A Universidade Eduardo Mondlane, seus intelectuais, seus pesquisadores, seus professores continuaram convidando-o. Nas suas sucessivas visitas – em 1983 e 1985 –, muitas mudanças aconteceram no país⁵⁷.

No final de maio de 1983, ano da segunda viagem de Meillassoux, seria deflagrada a Operação Produção destinada a evacuar – e enviar ao norte do País – os “improdutivos” e desempregados. Entretanto, a Comissão Permanente da Assembleia Popular tornou público um decreto introduzindo a “lei de chicotada” contra os especuladores ou “candongueiros”. Naquele mesmo ano, no bairro de Hulene, forma “publicamente fuzilados seis indivíduos condenados pelo Tribunal Popular Revolucionário” (Serra, 1997, p. 113). Mais uma vez, o antropólogo não se mostrou indiferente perante essa violência revolucionária. E, sobretudo, não deixou de manifestar publicamente o seu mal-estar a respeito dos efeitos perversos que as decisões dos governantes infligiam na vida dos camponeses moçambicanos⁵⁸.

A experiência de Meillassoux em Moçambique desafia uma série de lugares comuns em relação ao impacto do saber antropológico nos países africanos. O mais previsível desses lugares emerge, sobretudo, imediatamente após as respectivas independências africanas. Naquele momento – a partir da década de 1960 –, a acusação de cumplicidade com o colonialismo, lançada pelos nacionalistas africanos, recaiu sobre a antropologia. Contudo, essa imputação dificilmente se encaixa na figura de Meillassoux. Ao contrário, ele se manteve sempre expectante perante os rumos tomados pela revolução moçambicana e foi um amigo sincero de muitos dos seus mais importantes protagonistas. No entanto, tais afinidade e simpatia não lhe impediram de fazer críticas ao regime. O seu posicionamento inspirava-se, sem dúvida, em uma ética oriunda

de experiências políticas anteriores, mas também em argumentos oriundos de uma prática-teórica que se alimentava, duplamente, da práxis antropológica e do contato direto com o terreno.

Por fim, consideramos que o diagnóstico traçado na carta em questão foi certo. E, a julgar pelas dificuldades que, mais tarde, a sociedade moçambicana e a própria Frelimo tiveram de enfrentar, podemos afirmar *a posteriori* que aquele diagnóstico de Meillassoux se tornou, quase que involuntariamente, um prognóstico.

AGRADECIMENTOS

Este artigo nasceu de um projeto intitulado “Fontes para a história da antropologia econômica: Claude Meillassoux em Moçambique”, que contou, entre janeiro e março de 2023, com apoio do programa CAPES-PRINT-UFPR (Brasil) – modalidade professor visitante no exterior sênior (Proc. CAPES 88887.757020/2022-00). Várias pessoas e instituições colaboraram com esta pesquisa nos três meses da sua duração. No mês de janeiro de 2023, compartilhei meu plano de trabalho com alguns colegas do Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento (CEsA) do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa, onde, também, sou pesquisador colaborador. Agradeço, portanto, a Alexandre Abreu, Eduardo Moraes Sarmiento, Joana Pereira Leite, John Oppenheimer e Luís Mah. Em Paris, onde realizei o levantamento documental, contei com a inestimável colaboração dos arquivistas da *Humathèque/Campus Condorcet*, especialmente Mme. Clarisse Sabbagh. Gostaria de agradecer aos colegas franceses que, próximos a Claude Meillassoux em algum momento das suas trajetórias, me forneceram muitas informações e alguns conselhos. Meu muito obrigado a Antoine Bouillon, Ingolf Diener, Jacques Marchand, Jean Copans, Jean-Loup Amselle, Michel Cahen e Michel Samuel. Em 15 de abril de 2024 tive, também, uma breve conversa via Zoom com Christine

⁵⁷ Devido às limitações de espaço neste artigo, não poderemos nos debruçar detalhadamente sobre as viagens de 1983 e 1985. Elas requerem, sem dúvida, um tratamento específico em outro texto.

⁵⁸ Ainda sobre esta questão, Meillassoux chegou a publicar, em 14 de outubro de 1985, em coautoria com Christine Verschuur, o já citado artigo “Entre l’État et le ‘bandits’ armés par l’Afrique du Sud. Les paysans ignorés du Mozambique”, no *Le Monde Diplomatique*. Mais recentemente, esse texto foi republicado no dossiê *Genre, changements agraires et alimentation* (Meillassoux; Verschuur, 2012).

Verschuur, uma das últimas parceiras intelectuais de Meillassoux. A fase final da redação deste artigo foi realizada no contexto de uma estadia pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a supervisão de Federico Neiburg, e com apoio do CNPq.

Bibliografia

AMSELLE, Jean-Loup. *À chacun son Marx ou les mésaventures de la dialectique*. Paris: Éditions Kimé, 2019.

ANDRADE, Mário Pinto de. *Uma entrevista dada a Michel Laban*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1997.

ARAÚJO, Manuel Mendes. As aldeias comunais e o seu papel na distribuição territorial da população rural na República Popular de Moçambique. *Finisterra: revista portuguesa de geografia*, Lisboa, v. 18, n. 36, p. 365-377, 1983.

BRITO, Luís de. *A Frelimo, o Marxismo e a Construção do Estado Nacional 1962-1983*. Maputo: IESE, 2019.

CAHEN, Michel. De la guerre civile à la plèbe: la Renamo du Mozambique. Trajectoire singulière ou signal d'évolution continentale? In: GUILLAUD, Yan; LÉTANG, Frédéric (dir.). *Du social hors la loi*. L'anthropologie analytique de Christian Geffray. Marseille: IRD Éditions, 2009.

CAHEN, Michel. Seis teses sobre o trabalho forçado no império português continental em África. *África*, São Paulo, n. 35, p. 129-155, 2015.

CARATINI, Sophie. *Les non-dits de l'Anthropologie*. Vincennes: Éditions Thierry Marchaisse, 2012.

CEA – CENTRO DE ESTUDOS AFRICANOS. *The Mozambican Miner. A Study in the Export of Labour*. Maputo: IICM, 1977.

COMITÉ INFORMATION SAHEL. *Qui se nourrit de la famine en Afrique?* Paris: Maspero, 1974.

COPANS, Jean. Claude Meillassoux (1925-2005). *Cahiers d'études africaines*, Paris, n. 177, p. 1-8, 2005.

COPANS, Jean. Un développement sans acteurs mais non sans politique. La difficile empiricité d'un engagement anti-impérialiste. *Journal des anthropologues*, Charenton-le-Pont Cedex, n. 118-119, p. 65-88, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/jda/4142>. Acesso em: 18 jul. 2023.

CRUZ E SILVA, Teresa.; BORGES COELHO, João Paulo; SOUTO, Amélia Neves de (org.). *Como fazer ciências sociais e humanas em África*. Dakar: Codesria, 2012.

DIENER, Ingolf.; LACHARTRE, Brigitte.; MEILLASSOUX, Claude. *Apartheid, pauvreté et malnutrition*. Rome: FAO, 1982. (Développement économique et social, n. 24).

DOS SANTOS, Marcelino. FRELIMO faces the Future [Marcelino dos Santos interviewed by Joe Slovol]. *The African Communist*, London, n. 55, p. 23-53, 1973.

FERNANDES, Carlos. Intelectuais orgânicos e legitimação do Estado no Moçambique pós-independência: o caso do Centro de Estudos Africanos (1975-1985). *Afro-Asia*, Salvador, n. 48, p. 11-44, 2013.

FLORÊNCIO, Fernando. Christian Geffray e a antropologia da guerra: ainda a propósito de *La cause des armes au Mozambique*. *Etnográfica*, Lisboa, v. VI, n. 2, p. 347-364, 2002.

GEFFRAY, Christian. *La cause des armes au Mozambique*. Anthropologie d'une guerre civile. Paris: Karthala-Credu, 1990.

GEFFRAY, Christian. *Travail et symbole dans la société des Makhwa*. Thèse (Doctorat) – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, 1987.

GENDREAU, Francis. et al. *Les spectres de Malthus. Déséquilibres alimentaires. Déséquilibres démographiques*. Paris: EDI-Orstom-Ceped, 1991.

JOSSIAS, Elísio; MATUSSE, Carlos. Entrevista com 'Rafael da Conceição'. Professor Auxiliar do DAA/FLCS. *Gazeta*, Maputo, n. 3, p. 12-17, 2010.

LASOWSKI, Aliocha Wald. *Althusser et nous*. Paris: PUF, 2016.

LAZAGNA, Angela. Morreu José Carlos Horta (1935-2020). *H-Luso-Africa*, 2020. Disponível em: <https://networks.h-net.org/node/7926/discussions/6155030/morreu-jos%C3%A9-carlos-horta-1935-2020>. Acesso em: 21 jul. 2023.

LAZAGNA, Angela. Viriato da Cruz: da luta anticolonial ao exílio em Pequim. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 34, set./dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180313342021e0107>. Acesso em: 30 jul. 2023.

MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 17-35, 2009.

MACHEL, Samora. *Educar o homem para vencer a guerra, criar uma sociedade nova e desenvolver a pátria*. Maputo: Frelimo, 1978. (Coleção Palavras de Ordem).

MARCHAND, Jacques. Transformations sociales au Mozambique. Un défi pour les chercheurs qui reste à relever. In: SCHLEMMER, Bernard. *Terrains et engagements de Claude Meillassoux*. Paris: Karthala, 1998. p. 269-282.

MEILLASSOUX, Claude. *Anthropologie de l'esclavage, le ventre de fer et d'argent*. Paris: P.U.F., 1986.

MEILLASSOUX, Claude. *Anthropologie économique des Gouro de Côte d'Ivoire. De l'économie de subsistance à l'agriculture commerciale*. Paris/La Haye: Mouton & Co, 1964.

MEILLASSOUX, Claude. Contra an anthropology of migrant workers in Western Europe. *Journal des anthropologues*, n. 118-119, p. 1-7, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jda/3561>. Acesso em: 13 jun. 2024.

MEILLASSOUX, Claude. Entretien avec Claude Meillassoux (com a participação de François Chesnais e Francis Tourl). *Carré Rouge*, Paris, n. 14, p. 57-64, Mai 2000.

MEILLASSOUX, Claude. Hommage à Christian Geffray. *Journal des anthropologues*, Charenton-le-Pont Cedex, n. 87, 2001. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jda/2762>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MEILLASSOUX, Claude. *Mulheres, celeiros e capitais*. Porto: Edições Afrontamento, 1977.

MEILLASSOUX, Claude; MESSIANT, Christine (dir.). *Genie social et manipulations culturelles en Afrique du Sud*. Paris: Arcantère, 1991.

MEILLASSOUX, Claude; VERSCHUUR, Christine. Entre l'État et les 'bandits' armés par l'Afrique du Sud. Les paysans ignorés du Mozambique. In: VERSCHUUR, Christine. Genre, changements agraires et alimentation (dossier). *Cahiers genre et développement*, n. 8, p. 81-88, 2012. Disponível em: <https://books.openedition.org/ihed/5248>. Acesso em: 18 jul. 2023. Org. publ. em *Le Monde Diplomatique*, 14 Oct. 1985.

MINTER, William. *Apartheid's Contras. An Inquiry into the Roots of War in Angola and Mozambique*. Johannesburg: Witwatersrand University Press; London & New Jersey: Zed Books, 1994.

PAUL, Jean-Luc. Les structures alimentaires de la parenté de Meillassoux. *Journal des Anthropologues*, Charenton-le-Pont Cedex, n. 118-119, p. 113-130, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/jda/4122>. Acesso em: 18 jul. 2023.

ROCHA, Edmundo. *Angola*. Contribuição ao estudo da Gênese do Nacionalismo Moderno Angolano (período de 1950-1964). Lisboa: Kilombelombe, 2003.

SAMUEL, Michel. *Historique des relations entre l'Université PARIS 8 et le Mozambique*. Introduction à la journée scientifique du 11 février 2022. Paris, 2022. Inédito.

SCHLEMMER, Bernard (ed.). *Terrains et engagements de Claude Meillassoux*.

Paris: Karthala, 1998.

SERRA, Carlos. *Novos combates pela mentalidade sociológica*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1997.

TERRAY, Emmanuel. Anthropologie et marxisme : années 1950-70. *L'Afrique, miroir du contemporain, Journée d'études de l'Institut Interdisciplinaire d'Anthropologie du Contemporain* (IIAC - UMR8177 CNRS-EHESS), Paris, Jun. 2007. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00207614>. Acesso em: 18 jul. 2023.

VERSCHUUR, Christine; LIMA, Marluza C.; LAMY, Philippe; VELASQUEZ, German. *Mozambique*. Dix ans de solitude. Paris: L'Harmattan, 1985.

WUYTS, Marc. Ruth First and the Mozambican Miner. *Review of African Political Economy*, London, v. 41, n. 139, p. 60-83, 2014.

YANEZ CASAL, Adolfo. *Antropologia e desenvolvimento*. As aldeias comunais de Moçambique. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia/Instituto de Investigação Científica Tropical, 1996.

Lorenzo Macagno

Professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador colaborador do Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CEsA-ISEG) da Universidade de Lisboa. É, também, bolsista de produtividade em pesquisa (PQ, nível 2) do CNPq. Foi diretor regional (região Sul) da Associação Brasileira de Antropologia (gestão 2017-2018). Seu livro mais recente é *A invenção do as-similado: paradoxos do colonialismo em Moçambique* (Lisboa: Colibri, 2019).

Endereço para correspondência

LORENZO MACAGNO

Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná

Rua General Carneiro, 460, Ed. Dom Pedro I, 6º andar, 80.060-150

Curitiba, Paraná, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.